

**ATIVIDADES DE PESQUISA: A RELAÇÃO ENTRE SAGRADO E LINGUAGEM EM M.
HEIDEGGER**

Glória Maria Ferreira Ribeiro - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do Curso
de Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei - Tutora
(MEC/SESu/DEPEM)

Cláudia Mariza Braga - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do Curso de
Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei - Co-Tutora
(MEC/SESu/DEPEM)

Caroline Martins de Sousa - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do Curso de
Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei - Acadêmica
(MEC/SESu/DEPEM)

Fernanda Belo Gontijo - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do Curso de
Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei - Acadêmica
(MEC/SESu/DEPEM)

Fernanda Sacramento Santos - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do Curso
de Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei - Acadêmica
(MEC/SESu/DEPEM)

Guilherme Pires Ferreira - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do Curso de
Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei - Acadêmico
(MEC/SESu/DEPEM)

Josias Arantes de Faria - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do Curso de
Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei - Acadêmico
(MEC/SESu/DEPEM)

Karen Milla de Almeida França - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do Curso
de Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei - Acadêmica
(MEC/SESu/DEPEM)

Leandro Assis Santos - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do Curso de
Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei - Acadêmico

Liliane Vivas Andrade - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do Curso de
Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei - Acadêmica –
(MEC/SESu/DEPEM)

Maria Aparecida Rafael - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do Curso de
Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei - Acadêmica –
(MEC/SESu/DEPEM)

Marcilene Aparecida Severino - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do Curso
de Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei - Acadêmica –
(MEC/SESu/DEPEM)

Marcos Paulo Alves de Jesus - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do Curso
de Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei - Acadêmico –
(MEC/SESu/DEPEM)

Renan Figueiredo Menezes - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do Curso de
Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei – Acadêmico –
(MEC/SESu/DEPEM)

Weiderson Moraes Souza - Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes do Curso de
Filosofia - UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei - Acadêmico
(MEC/SESu/DEPEM)

RESUMO

Visando a evidenciar a relação entre sagrado e linguagem em M. Heidegger, a pesquisa se estrutura desde o levantamento das fontes utilizadas por esse autor. Cada petiano pesquisa diferentes pensadores estudados por Heidegger dentro da discussão sobre o sagrado, tais como Mestre Eckhart, com quem Heidegger mantém diálogo na

segunda fase da sua produção filosófica; Hölderlin, a partir do qual o filósofo visa a compreender a relação entre existência, arte e sagrado (retomando rudimentos do pensamento arcaico); a questão da relação entre vida, jogo e mundo que, para Heidegger, se faz o horizonte de investigação das obras de Heráclito e Nietzsche.

INTRODUÇÃO

O objetivo geral da pesquisa do grupo é explicitar a relação entre o fenômeno do sagrado e da linguagem dentro do pensamento de Martin Heidegger. A nossa meta é evidenciar a obra de arte como o fenômeno de manifestação do sagrado. Cada integrante da pesquisa trabalhou um tema, que traduziu algumas das fontes utilizadas por Heidegger na elaboração da questão do sagrado e da linguagem – tais como a questão do silêncio e da criação em mestre Eckhart, com quem Heidegger mantém diálogo na segunda fase da sua produção filosófica; a questão da gênese do mundo e da tensão entre mortais e imortais, discussão empreendida por Heidegger e oriunda das suas especulações em torno do pensamento antigo e da poesia de Hölderlin; a relação entre existência (vida), arte e jogo que se apresenta quer nas discussões de Heidegger com Nietzsche, quer nas que ele estabelece com Heráclito.

DESENVOLVIMENTO

Ao analisarmos o fenômeno da criação artística, desde a perspectiva ontológica instaurada pelo pensamento de M. Heidegger, evidenciou-se que é no aspecto artesanal da obra que reside a sua essência. Por sua vez, a essência da obra de arte é poesia, que para Heidegger se revela como a expressão mais autêntica do fenômeno da linguagem – sendo, assim, impossível dissociar a obra de arte do fenômeno da linguagem. Por poesia Heidegger compreende o fenômeno de eclosão de sentido (enquanto a possibilidade de atribuição de significado para o ser das coisas e dos homens) desde o qual o próprio mundo

se deixa e faz ver. Sentido que, por seu lado, se revela como a própria presença do sagrado entre os homens. Dessa forma podemos compreender o fenômeno da linguagem (ou seja, da poesia) como sendo o nexo que permite articular as noções de arte e de sagrado dentro do pensamento de M. Heidegger.

No desenvolvimento dos nossos estudos sobre linguagem, arte e sagrado foi imprescindível a leitura da *Origem da Obra de Arte*, ensaio publicado pela primeira vez em 1950, originou-se de três conferências realizadas no ano de 1936. O objeto principal deste ensaio é a explicitação da origem da arte. Através da análise da noção de obra, Heidegger desconstrói a compreensão que o senso comum, seja ele o senso comum filosófico ou cotidiano, possui do que seja a obra de arte. A análise empreendida por Heidegger neste ensaio realiza uma mudança paradigmática na concepção do que seja o fazer artístico. Fazer que está em sintonia com a realização de um acontecimento que irá determinar uma possibilidade do sentido do ser. Determinação que configura a realização de uma época histórica. No pensamento de Heidegger a compreensão da obra de arte se encontra indissociavelmente ligada à sua concepção de verdade e linguagem. Segundo o pensador, a essência (ou seja, o que uma coisa é e como é) da arte é a poesia. A poesia (que é experienciada no fenômeno do silêncio) é a forma mais radical da linguagem se caracterizando como *um dizer projetante*. A poesia não é tomada aqui no sentido de um gênero literário entre outros, mas é o dizer instaurador de mundo. Por sua vez, a essência da poesia é apresentada por Heidegger como sendo a própria dinâmica de instauração da verdade - compreendida como *alethéia*.

Outra obra de capital importância para o desenvolvimento de nossas atividades foi Ser e tempo, publicado em 1927 nos anais de Investigação Fenomenológica (*Jahrbuch für Phänomenologische Forschung*) obra capital do pensamento de Martin Heidegger, traça o plano para a re colocação da questão acerca do sentido do ser. Nesta re colocação, o filósofo elege a existência humana como o âmbito privilegiado para a elaboração desta questão, por se mostrar como o espaço da diferença entre ente e ser. *Ser e tempo* se mostra, como o lugar da elaboração da questão acerca do ser, ao proceder a uma analítica

da existência, onde o homem é apresentado na estrutura básica da sua existência como ser-no-mundo. Como um ser cujo, modo de ser imediato e cotidiano é o da impessoalidade - que se encontra regido pelo falatório, que se move no âmbito da publicidade, da curiosidade e da ambigüidade. Heidegger, ao analisar o modo de ser mais imediato e cotidiano da existência, traz à tona a sua constituição mais própria. Qual seja: a finitude como a própria experiência da temporalidade, que se expressa propriamente no fenômeno do silêncio. Pois bem, na analítica da existência empreendida em *Ser e Tempo*, o papel da linguagem, em sua íntima relação com a existência humana, assume um papel de extrema importância para a nossa pesquisa. Ao descrever a estrutura da existência, Heidegger nos faz ver que a nossa circunstância cotidiana se configura como uma trama conjuntural de significados. Trama que é liberada pelo mundo, compreendido como um horizonte de significância. Segundo Heidegger, a estrutura básica da existência é ser-no-mundo; se por mundo, nos é dado compreender o horizonte de significância, temos que o homem é um ser lançado num horizonte de significância. Horizonte, onde o homem se encontra, constantemente, descobrindo-se no significado do seu ser. Nesta descoberta é que acontecem as decisões que caracterizam o homem na sua ocupação com as coisas que o circundam. Nessas ocupações, ou no fazer que caracteriza o homem na sua existência, está em jogo uma relação própria com a linguagem, quando este fazer se mostra como uma necessidade radical da existência (o que caracteriza o âmbito do silêncio e da poesia), ou imprópria quando o fazer humano se mantém numa relação superficial com a linguagem (o que caracteriza a instância do falatório). *Ser e tempo*, é leitura obrigatória para todo aquele que se dispõe a estudar o pensamento de M. Heidegger. É nesta obra, que se encontram os pressupostos de toda a filosofia heideggeriana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do fichamento dos § 35, “Falatório”, e do §36, “Curiosidade”, da “Obra Ser e Tempo”, de 1927, podemos caracterizar o modo mais imediato de a linguagem acontecer. É

através da experiência radical deste modo de acontecimento do discurso cotidiano (falatório) que se abre uma nova compreensão para a experiência originária da linguagem (poesia/silêncio) na qual se dá a experiência do sagrado.

Ainda dentro da leitura do § 35, “O Falatório”, e do § 36, “Curiosidade”, obtivemos como resultado a compreensão das noções de autêntico e inautêntico, que dizem respeito aos modos possíveis de o homem estar no mundo. Esses modos se relacionam diretamente com os modos a partir dos quais o homem se encontra na linguagem.

O modo inautêntico revela o modo mais imediato de o homem se relacionar com o mundo, essa relação toma corpo no discurso cotidiano chamado por Heidegger de falatório. Por sua vez, o fenômeno do falatório se encontra diretamente relacionado com o da curiosidade, tais fenômenos são aqueles que mantêm a própria dinâmica do “desenraizamento”, própria do discurso da cotidianidade. O fenômeno da curiosidade é um modo de manifestação do que Heidegger chama de publicidade. A publicidade é a esfera do que é comum a todos; em que tudo é sabido por todo mundo. O sujeito público é aquele que se pauta pelos outros, pelo que os outros dizem e sabem. A publicidade é o fenômeno para o qual convergem tanto o falatório quanto a curiosidade. Pode-se perceber em tais fenômenos que somente o outro é quem dá a medida da nossa existência, e em função disso é que essa nossa existência cotidiana é uma existência inautêntica.

Por outro lado, o modo autêntico nos revela a maneira mais radical de o homem estar no mundo - que se revela na e como poesia. Podemos perceber que, a partir da análise feita do falatório, deste modo imediato de estar no mundo, que a radicalidade da linguagem (representada pelo fenômeno da poesia) pode instaurar –se a partir do momento em que levamos às últimas conseqüências o próprio falatório. Isso porque a poesia, enquanto manifestação mais própria da linguagem, encontra-se em latência no nosso discurso cotidiano. O movimento em que essa relação entre autêntico e inautêntico se deixa ver, traduz o fenômeno do jogo – que assegura o próprio movimento da vida, dando-se como modo autêntico ou inautêntico, como pudemos perceber no capítulo VI: A Lida

Cotidiana que compõe a obra “Passagem para o Poético: Filosofia e Poesia em Heidegger” , do autor Benedito Nunes.

Através da leitura e análise do sermão 57º denominado “O Silêncio da Criação”, de Mestre Eckhart, nos foi dado dimensionar a experiência do silêncio em sua estreita relação com o movimento de criação. Nesse sermão o mestre nos mostra como acontece o fenômeno da geração do Filho de Deus na alma humana. O momento de acontecimento dessa geração é o do meio silêncio. Esse fenômeno (do silêncio) nos remete para o fenômeno da própria criação das criaturas (e de certo modo, para o próprio acontecimento radical da linguagem). Ao se tecer uma análise sobre sermão nº57 do Mestre Eckhart, torna-se evidente a relação entre linguagem e o sagrado como momentos essenciais para se compreender o pensamento de Mestre Eckhart e da mística alemã.

Outra contribuição para a nossa pesquisa oriunda dos estudos de Mestre Eckhart foi a caracterização da experiência da pobreza de espírito – pobreza indispensável para o acontecimento da geração do Filho na alma. A caracterização desse fenômeno nos permite compreender a condição necessária para que se dê o próprio processo de criação. Segundo o Mestre, o homem pobre é caracterizado como aquele que nada quer, nada sabe e nada tem. Em primeiro lugar podemos dizer que o homem pobre que nada quer é aquele que não encontra satisfação nenhuma junto as coisas que Deus criou , de tal modo que a sua vontade nada deseje .Em segundo lugar, dizemos que o pobre que nada sabe é aquele que não sabe nem mesmo que está em Deus e da ação dele em sua vida. E por último, dizemos que o homem pobre que nada tem é aquele que é desapegado de tudo, estando totalmente livre de toda as coisas, sejam elas bem materiais ou espirituais. Desse modo, podemos dizer que os bem – aventurados são aqueles que soa verdadeiramente pobres de espírito. São pessoas que se anulam a sua própria vontade para fazer apenas e unicamente a santa e sabia vontade de Deus. Porém esse homem é tão pobre que ele sequer pode dar- se conta que está fazendo o que Deus quer que ele faça. O mestre nos diz ainda que para ser verdadeiramente pobre ele não pode querer fazer a vontade de Deus , pois sendo o homem um ser criado ele nada é pois tudo

lhe foi dado de empréstimo por Deus , até mesmo o seu próprio ser . Sendo assim homem não se apropria de coisas alguma , pois ele é nada sem Deus . Se o homem é assim esse nada então ele não pode ter uma vontade , ou melhor ele necessita de estar vazio de toda vontade , assim como ele se encontrava quando ainda não era , ou seja quando ele ainda estava em sua primeira causa .Pois aí não existia diferença entre Deus e o homem , ambos eram um só, posto que o homem não tinha ainda recebido uma determinação, estando ele abandonado em Deus como pura possibilidade de Ser .

A partir da análise dos fenômenos da *Alethéia* e *Lethé*, feita pela leitura das obras “Mestres da verdade na Grécia arcaica”, de Marcel Detienne, “Teogonia”, de Hesíodo, pudemos compreender que eles trazem à tona experiências próprias do *aedo* (poeta-cantor do período da Grécia arcaica), pois estão intimamente ligados à memória sagrada – da qual o *aedo* é o porta-voz, isto é, a *Alethéia* é o fenômeno que possibilita ao poeta-cantor ou *aedo* trazer à luz o Ser das coisas, através do tempo circular que conserva todas as coisas “sempre vivas”. Tem-se também o fenômeno do “esquecimento”, ou melhor, *Lethé*, fenômeno esse que, contrário à *Alethéia*, joga o Ser originário - que está sempre presente nas coisas – nas sombras do esquecimento próprio do cotidiano. Sendo assim, os fenômenos de *alethéia* e *lethé* possibilitam e asseguram a própria estrutura de constituição do mundo.

Os resultados obtidos através da leitura e análise do texto “Fragmento 50, de Heráclito” e “*Alethéia*”, in: *Ensaaios e conferências*”, de Martin Heidegger, foram: Uma primeira aproximação do termo “Logos”, que em Heráclito significa, basicamente, o princípio a partir do qual a realidade se dá – isto é: a realidade se dá de um modo sempre contínuo, num fluxo que alterna o ser e o não ser. Outros resultados foram o reconhecimento da dinâmica do jogo em Heráclito, este como a alternância entre o ser e não ser, possibilitando e gerando a tensão na qual reconhecemos os limites que permitem a visualização do ser (limite) das coisas como tais.

Heidegger nos diz no segundo parágrafo de uma conferência por ele pronunciada aos 7 de outubro de 1950, em Buhlerhohe, sob o título de “A Linguagem”, que o fenômeno da

linguagem é o que há de mais próximo da razão humana, e, que o homem ao tomar consciência daquilo que está a sua volta, se depara frente a frente com a própria linguagem", tomando para si, o que esta mesma linguagem traz em seu dizer - o que, por sua vez, permite ao homem recolher-se no acontecimento apropriador do que está diante de si como coisa presente. Assim como no pensamento de Heráclito, o lógos é o raio que guia o discurso do que está exposto para nós em sua multiplicidade. O termo linguagem em Heidegger, é também como que uma palavra direcionadora, a qual traz à fala o próprio ser dos entes, isto é, o mundo em sua multiplicidade se nos dá como presença. Assim, a linguagem em Heidegger, ou o lógos no pensamento de Heráclito, enquanto o recolhimento daquilo que nos está presentificado, é tal como a ordem que rege o próprio mundo em seu todo.

Logo, podemos dizer que tanto em Heidegger, como em Heráclito, a compreensão na qual o homem se vê desde sempre lançado, se compara a própria ordem desde a qual o mundo se dá e se deixa reger, e que, por sua vez, constitui o próprio discurso onde se dá a reunião ou, a unificação de tudo o que está presentificado diante de nós. Portanto, é na medida do próprio lógos que tudo ganha o seu ser, e é nele que se opera e, se torna compreensível o próprio discurso em que se dispõe toda a multiplicidade dos seres, sob a qual o mundo, como um todo, existe e vem a acontecer.

A partir da leitura da introdução e das partes III, IV, V e VII da obra "Assim falava Zaratrusta: um livro para todos e para ninguém" nos foi dado compreender o fenômeno do jogo (de mando e obediência) apresentado pelo pensamento de Nietzsche como a dinâmica de criação mantenedora da vida (existência). Jogo cuja expressão mais genuína se plasma na obra de arte. Dentro da discussão desse tema busca-se evidenciar como o pensamento de Nietzsche possibilita Heidegger (que se mostrou, ao longo da sua vida, um leitor e estudioso assíduo da obra de Nietzsche) dimensionar a questão da existência a partir da própria noção de jogo e de arte.

O pensamento nietzscheano sempre vai priorizar a vida e tudo o que permita sua fluência. Assim temos o personagem Zaratustra como porta-voz de Nietzsche e também

porta-voz da própria vida. Sobre a vida podemos dizer que, entre todos os valores, ela é o maior, o mais importante, pois é a partir dela que todos os outros vão se pautar. Ela se liga diretamente à moral porque, para Nietzsche, a moral não é mais do que uma forma de bem viver, seja consigo, seja com o outro. A vida também não pode reduzir-se a conceitos, isto é, ela não pode ser racionalizada, encerrada em medidas. Isso porque, quando racionalizamos algo, tentamos reduzi-lo à nossa parca verdade sobre as coisas, tentamos limitar a vida para poder compreendê-la desde essa nossa limitação. A vida também é um constante processo de superação de si mesma. Ela, como a criança, precisa ter liberdade para continuamente recriar-se. Por conseguinte, a vida não se mantém estática, manifestando-se de um mesmo modo – sendo regulada por uma moral já institucionalizada, mas ela é um processo constante de auto – superação.

E-mail: petufsj@yahoo.com.br

Tel.: (32) 3379-2486